

## POEMA DE NISIO MAGALDI

Oferecemos hoje aos nossos leitores mais um poema inédito de Nisio Magaldi, poeta juizforense lamentavelmente desaparecido no ano passado.

O poema foi recolhido pelo sr. Dormevilly Nóbrega de um dos cadernos do poeta e gentilmente cedido a este jornal, para publicação.

Como comunista, que foi, Nisio Magaldi não perde a referência "às foices e aos martelos"; como poeta, de inconfundível personalidade, também não falta ao poema bom e puro lirismo.

## NADA IMPORTA

QUE IMPORTA A SOLIDÃO E AUSÊNCIA  
A DISTÂNCIA E A NOITE E O MEDO?  
EU TE AMO SEMPRE, MEIGA AMIGA.  
EU SEI QUE TU ESPERAS E ESPERO TAMBÉM.  
EU SEI QUE TU ESPERAS POR UM DIA  
EM QUE MEU CORPO SE CONFUNDA COM TEU CORPO,  
SEM QUE NINGUEM TE CHAME  
A MULHER ADULTERA.  
NÓS SOMOS DEUSES, AMIGA.  
E OS DEUSES SABEM ESPERAR SEM MEDO.  
QUE IMPORTA A OFENSA E A HUMILHAÇÃO  
E O ORGULHO FERIDO E A SAUDADE?  
EU TE AMO SEMPRE, DOCE AMIGA.  
NUNCA É TARDE. O TEMPO NÃO EXISTE  
RELIGIAO, FÉ E CONFIANÇA E VITÓRIA  
TUDO ISSO SOMOS NÓS MESMOS.  
LEMBRA, AMOR,  
QUE NINGUEM TE AMA TANTO  
QUANTO O TEU AMADO E TEU AMANTE.  
SEREMOS BEM-AVENTURADOS.  
POSSUIREMOS A TERRA E AS FABRICAS  
E AS FOICES E OS MARTELOS E OS TEARES.  
NADA IMPORTA, PORQUE EU TE AMO.  
NADA IMPORTA,  
POIS QUE OS ACUSADORES SERÃO RÉUS  
E NOSSO AMOR VIVERÁ  
LIVREMENTE, ENQUANTO NOS AMARMOS.  
NADA IMPORTA.

## PORTINARI

Portinari não é poeta. É pintor. A sua arte conhece apenas linhas, cores, tons, luzes e sombras. Com esses elementos "gramaticais" da pintura, numa pintura clássica como a dos velhos mestres de Florença, "descobriu o sertão brasileiro", a realidade pictórica do Brasil, deformando-a violentamente. Descobriu-a "deformando-a". Porque a "deformação" deu aos seus quadros uma qualidade que nenhuma "ilustração" possui: estilo. Com isso, criou o estilo brasileiro da pintura.

Estilo, porém, é uma grande coisa, por assim dizer, ambígua, com sentidos secretos. O estilo representa sublimemente o humano. Relembro-me, ainda uma vez, a Berenson, o pensador mais tenaz do método da "pura visibilidade". "Escrevi para um público enganado pelos elementos ilustrativos, associativos e históricos, confundindo-os com a arte. Hoje, porém, e igualmente preciso, contra os adeptos hipnotizados da pura geometria, reduzir os elementos puramente visíveis, aos valores humanos". Portinari passou pelo caminho. Chegou aos valores humanos". Portinari passou pelo mesmo caminho. Chegou aos valores mais humanos, mais elementares, mais primitivos; após a realidade brasileira, descobriu a realidade bíblica, realidade arquétipa e realdade dos nossos dias. Os assuntos bíblicos deformam-se-lhe, transformam-se-lhe em símbolos eternos e a geometria das suas linhas e co-

res começa a falar em voz alta, revelando toda a história sagrada da humanidade: o reino da justiça do "Julgamento de Salomão"; a violação de Raquel e todas as mães, pela injustiça encarnada no Estado pagão, massacrando os inocentes; a defesa até pelas próprias mulheres do "Último Juizante" da humanidade; a queda da cidade de Jericó, que se acreditava invencível; a recuperação da graça divina pelo mal dos sacrifícios; o desespero de Jeremias, profetizando o julgamento do mais justo juiz; e o cumprimento de todas as profecias, a ressurreição dos mortos, e a luz num novo dia da humanidade.

Assim, formou-se, nos dias mais tenebrosos do nosso desespero, a profecia de Portinari, rica, restaurada a cura terrível da realidade sob os seus sempre ameaçados. As formas das artes são primárias por essas pausas como o vento misterioso que nos leva para a aurora da liberdade. É uma arte verdadeiramente clássica a que consegue esta vitória sobre a matéria. É a arte verdadeiramente e eternamente moderna, como, no poema "Vitória Nueva", o poeta espanhol Lázaro Alonso a cantou: "Esta es la nueva escultura. Pedestal, la tierra dura. Amoito, los cielos frágiles. El viento, la forma pura. Y Yel sueño, los paños ágiles." (Otto Maria Carpeaux, "Profecias de Portinari", no Album "Portinari", 1943).



"Lázaro", mural de Cândido Portinari

## DE AMICIS E DO «CORAÇÃO»

(Palestra lida na Associação de Cultura Italo-Brasileira, no dia 21 de outubro de 1950).

No estudo da literatura italiana, como, aliás, no de todas as manifestações culturais dos povos, há obras fundamentais, através das quais se pode aferir o grau de saturação espiritual delas, e em que os escritores representam e mo polarizações de forças dispersas, em ascensão ou em declínio, mas sempre em função da existência coletiva.

Já não me refiro a indivíduos da estatura colossal de Homero, Dante ou Camões, que, além, excepcionalmente, pintaram inultrapassáveis do gênio humano, como lombadas de corallíferas que fixassem os divisores de águas das épocas do pensamento e da arte.

Quero ressaltar o nome de um daqueles que voaram meios altos, ao rés-do-chão da vida, como o merito de estereotipá-la em seu conteúdo essencial de ser, sem ficções forçadas ou rebuscadas estéticas, o tal qual se desdobra eia nos quadros das classes submetidas ao determinismo bio-social. E amargo como Petrarca e Carducci suave como S. Francisco de Assis e Manzoni, patriótico como Mazzini, Alari e Silvio Pellico, reformador como Maria Montessori e João Bosco, fez com suas obras, especialmente o Cuore, mais do que simples produções intelectuais, traçou o gênio secular de sua raça, simbolizou a sua época e conceituou um meio pedagógico de civilização.

Nascido a 21 de outubro de 1846, na pequena cidade de Oneglia, pertencente à província de Porto Maurizio, na Liguria, faleceu, aos 24 de junho de 1908, em Turim, a cidade eleita pelo seu coração, para dar à Itália, por entre o marulho das águas

do golfo de Gênova e o ruído das máquinas da Manchester italiana, uma coleção de livros, como "La Vita militare, Ricordi di un soldato", "Novelle", "Spagnola", "Ricordi di Londra", "Ricordi di Perigi, Marocco, Costantinopoli", "Alle porte d'Italia", "Sull'Oceano", "Pagine sparse", "Ritratti Letterari", "Nuovi Ritratti Letterari ed artistici", "Gli Amici", "L'Idoma gentile", "Il Romanzo d'un Maestro", "Socialismo e Patria", "Gli Inimici del Socialismo", "Nel Regno dell'amore", "La Carozza di tutti", "Speranza e Gloria e Poesia", os quais, pela simplicidade do discurso, pelo colorido intenso das imagens e pela correção da linguagem, á qual é, sem dúvida, de mais puro quilate, formam um dos maiores monumentos das letras universais e, ainda mais, num país que, sem falar nos mestres das ciências gerais e especializadas, bem como nos artistas emeritos que enchem ainda o mundo de formas, cores e sons, deu Bocaccio, Machiavello, Ariosto, Tasso, Giordano Bruno, Campanella, Goldoni, Ugo Foscolo, D'Annunzio e Pirandello.

pode-se inquirir a seu respeito. No pedestal de sua glória, o que ele desejava por ocasião da morte do grande lutador político Renato Imbriani: "Ma chi visse una vita piu' della sua? Chi fu piu' calidamente amato da quelli che piu' sinceramente amano, dagli uni, dagli operai, dalla gioventu' che combatte e che spera? (Nuovi Ritratti letterari ed artistici).

"Lavoro, coscienza e probita, desiderio attivo e profundo di giustizia e di pace fra gli uomini: ecco la sintesi della sua esistenza nel mondo", escreveu o prefaciador de seu caderno de viagens — Marocco — acrescentando que "a sua verdadeira fé é a aver credu-

to nella possibilità di scrivere per il popolo: fu, anzi, l'unico vero scrittore popolare d'Italia, e al popolo giunse per la sola via possibile e sicura: il sentimento", por isso, os seus trabalhos, especialmente a Vida Militar, Sobre o Oceano e Coração, "ardono de suoi tre grandi amori: la patria, i fanciulli e la povera gente".

Mas, onde o apostolo atinge a grandeza imaculada dos Evangelhos é nesse humanismo Cuore, que fazia chorar não somente as mães italianas, mas também aos próprios representantes do poder, que se indagavam: Quem é este escritor que faz soluçar até os deputados?

Não conheço, em língua culta nenhuma, referência a criação mais perfeita e sugestiva no seu gênero, a começar pelo acerto do título, na mais exata coincidência com o assunto: Cuore!

Se artistas da pena, em muitos países, deixaram extravasar a imaginação criadora ou da comovedora sentimentalidade obras populares que os consagraram até hoje, dentro da história literária, como Daniel De foë, com o Robinson Crusoe, Bernardin de Saint-Pierre, com o Paul et Virginie, Biecher Stowe, com o Uncle Tom's Cabin, Dostolewski, com as Recordações da Casa dos Mortos, e o nosso José de Alencar, com esse delicioso poema em prosa, que é Iracema, trata-se de temas, por mais reais que pretendam ser, unilaterais, de simples episódios fáceis de serem esquecidos com o perpassar dos tempos, e que não contribuíram para organizar, como Cuore, as bases existenciais de uma nação, através da educação e da instrução das massas por processo ainda mal conhecido e acreditado, na época.

Com o De Amicis, os enredos

## F. Fernandes Sobral

são vidas que se desenrolam no tumulto das classes sociais mais divergentes, atrás de uma compreensão, de uma unidade, de uma substância, por intermédio do amor, que acentue o caráter de civilização cristã do povo civilizado. Eis porque o seu trabalho não é só esse diário escolar das modestas pretensões do seu autor, feito com a graça e a minúcia de que seria capaz uma criança sensível e observadora, ou, como ele mesmo declara no prefácio, a "Storia d'un anno scolastico, scritto da un alunio di 3a., d'una scuola municipale d'Italia".

E mais do que isso: é um dogma e um rito de educação. E, para conseguí-lo, quanta exatidão nos mínimos pormenores do ano letivo! Que de candura na descrição dos tipos que fervilham no ambiente escolar: os velhos colegas, os pais, os professores! Onde se poderiam encontrar, para seduzir e encaminhar a mocidade, contos mais encantadores do que aqueles "Racconti mensili", tirados das paginas da história italiana, e em que o amor da patria atinge as raias do sublime, no devotamento da juventude!

Passam, como numa película cinematográfica, grupos de crianças, no primeiro dia de aula, com seus livros e cadernos debaixo do braço, com seus genitores, seus alegres em revertem os companheiros do ano anterior, outros com saudades do campo onde passaram as férias, outros ainda, os novatos, a chorarem, procurando escapar dos bancos, hora da partida dos responsáveis. Depois, "una disgrazia", com o desastre da rua Dora Grossi, em que um carro passou sobre a perna de Roberti, que se lhe atirara entre as rodas, para salvar um garotinho que caíra, "sfuggito a sua madre"; e mais o ato generoso

(Continua na 2.ª pag.)

## O escritor e a nossa época

Reunimos aqui o depoimento de duas figuras de excepcional prestígio literário no mundo contemporâneo, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, sobre a missão do escritor em nossa época.

De JEAN PAUL-SARTRE:

Um livro tem a sua verdade absoluta na época. É vivido tal com uma revolta ou uma fome. Com muito menos intensidade, sem dúvida, e por menos gente; mas de igual modo. É uma emanção de inter-subjetividade, um laço vivo de raiva ou de amor entre aqueles que a produziram e aqueles que a recebem. Se consegue impor-se, milhares de pessoas o renegam: ler um livro é, como se sabe, reescrevê-lo. Na época, ele é em primeiro lugar panico, ou evasão, época ele é boa ou má ação. Mais tarde, quando a época se tiver extinguido, entrará no relativo tornar-se-á mensagem. Mas os juízos da posteridade não invalidarão aqueles de que foi objeto quando era viva. Tenho ouvido dizer muitas vezes, acerca das tamaras e das bananas: "Não pode falar delas: para saber o que é, só comendo-as no lugar, quando acabam de ser colhidas". E considere sempre as bananas frutos mortos, cujo verdadeiro gosto vivo me faltava. Os livros que passam dum época para outra, são frutos mortos. Tiveram, em outro tempo, um gosto diferente, aspero, e vivo. Era necessário ler o Emilio e as Cartas Persas quando acabavam de ser colhidos.

É portanto, necessário escrever para a nossa época, como fizeram os grandes escritores. Mas isto não significa que seja necessário encerrarmos nela. Escrever para a época não é refleti-la passivamente, mas sim pretender mantê-la ou modificá-la, e portanto ultrapassá-la em direção ao futuro, e é esse esforço para a modificar, que nos instala mais profundamente nela, pois ela nunca se restringe ao conjunto, morto dos utensílios e dos costumes, mas está em movimento, ultrapassando a si própria, perpetuando-se, e nela coincide rigorosamente o presente concreto e o futuro vivo de todos os homens que a constituem. Se, entre outros caracteres, a física newtoniana e a teoria do bom selvagem contribuíram para desenharem a fisionomia de primeira metade do século XVIII, não se deve esquecer que uma foi um esforço contínuo para arrancar da nevoa fragmentos de verdades, para se alcançar, pra além do estado contemporâneo, conhecimentos duma ciência ideal em que os fenômenos poderiam deduzir-se matematicamente do princípio de gravitação, e que a outra implicava uma tentativa para restituir, para lá dos vícios da civilização, o estado natural. Uma e outra esboçavam um futuro; e se é certo que esse futuro não chegou nunca a tornar-se presente, que se renunciou à idade de ouro e a fazer da ciência um encadeamento rigoroso de razões, não

é menos certo que essas esperanças vivas e profundas esboçavam um futuro para lá das preocupações quotidianas, e que é necessário, para decifrar o sentido desse quotidiano, regressar a ele a partir desse futuro.

O DEPOIMENTO DE CAMUS

Vivemos, numa época em que os homens, compelidos por ideologias ferozes e mediocres, acostumam-se a ter vergonha de tudo. Vergonha deles próprios, vergonha de ser felizes, de amar, de criar. Uma época na qual Racine coraria por causa de "Berénice" e Rembrandt se penitenciaria de ter pintado "A Ronda Noturna". Os escritores e os artistas de hoje tem, portanto, a consciência inquieta e é moda entre nos fazer com que seja desculpada a nossa profissão. Na verdade, somos ajudados nisso com um certo empenho. De todos os lados da nossa sociedade política, um grande grito se eleva em nossa direção, que nos impede a essa desculpa. É preciso que nos desculpem de sermos inúteis, e de servir, pela nossa mesma inutilidade, á causas indignas. E quando respondemos que é bem difícil nos livrarmos de acusações tão contratórias, não falta quem nos diga que não é possível justificarmos-nos aos olhos de todos, mas que podemos obter o generoso perdão de alguns, tomando o seu partido, que, para quem acredita neles, é o unico verdadeiro. Se essa espécie de argumento cria raízes, ainda se diz ao artista: "Ve a miséria do mundo. Que fazes contra isso?" O artista poderia responder a essa "cinca chantage": "A miséria do mundo? Em nada contribui para ela. Qual de vos poderia dizer o mesmo?" Mas não e men s verdadeiro que nenhum de nós, por menos exigente, pode ficar alheio ao apelo que parte de uma humanidade desesperada. É preciso tanto sentir-se culpado á força. Eis-nos conduzidos ao confessionário laico, o pior de todos.

E no entanto isso não é tão simples. A escolha que nos pedem para fazer não se resolve por si mesma; é determinada por outras escolhas, feitas anteriormente. É a primeira atitude que toma um artista. E se ele escolheu ser um artista, foi em consideração ao seu proprio eu e em virtude de um certo conceito que ele tem da arte. Se esses motivos lhe parecerem bastante bons para justificar sua escolha, há probabilidade de suas continuarem sendo bastante boas para ajudá-lo a definir sua posição diante da história. Pelo menos é isso o que eu penso e gostaria de me deter mais um pouco, não sobre uma consciência má, da qual não tenho experiência, mas sobre os dois sentimentos que diante e por causa mesmo da miséria do mundo alimento com relação á nossa profissão, isto é, a gratidão e orgulho. Já que é preciso justificar-nos eu gostaria de dizer por que há uma justificação em exercer, nos limites das nossas forças e dos nossos ta-

(Continua na 5.ª pag.)